

A ABORDAGEM NEGACIONISTA DA AGENDA 2030: DO PARLAMENTO PARA O FEED

THE DENIALIST DISCOURSE ON THE 2030 AGENDA: FROM PARLIAMENT TO SOCIAL MEDIA FEEDS

Michelle de Carvalho SANTOS¹

Resumo: Este artigo, fundamentado na semiótica discursiva, analisa os sentidos estabelecidos no discurso contra a adesão à Agenda 2030 do vídeo *“Agenda 2030: isso vai afetar a sua vida”*, publicado pela deputada estadual Ana Campagnolo em seu canal no YouTube. A análise contempla a descrição dos vídeos, alguns trechos exemplificativos do discurso e a “capa” do vídeo. O objetivo é compreender como se articulam os mecanismos que sustentam o negacionismo climático e o enquadramento conspiratório. Os resultados mostram que o discurso se ancora no contrato fiduciário que contrapõe ciência e política institucional à verdade revelada pelo enunciador, deslocando o “saber” para o “crer” em um processo que a isotopia da ameaça é fundamental, manifestada em temas como perda de soberania, restrições ao desenvolvimento e mudanças nos hábitos alimentares. Além disso, a análise evidencia a instrumentalização das paixões medo e raiva como recurso de engajamento e adesão na amplificação da midiatização digital. Conclui-se que o negacionismo climático opera como prática discursiva e política que mobiliza crenças, organiza ações e atua no bloqueio do enfrentamento à crise climática a fim de perpetuar a reprodução das desigualdades sociais e ambientais.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva. Discurso Antiambiental. Negacionismo Climático. Teoria da Conspiração. Veridicção.

¹ Doutoranda da UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie). E-mail: michelle.santos@cps.sp.gov.br

Abstract: This article, based on discursive semiotics, analyzes the meanings established in the discourse against adherence to Agenda 2030 in the video “Agenda 2030: this will affect your life”, published by state deputy Ana Campagnolo on her YouTube channel. The analysis includes the descriptions of the video, some exemplary excerpts from the discourse, and the video cover. The objective is to understand how the mechanisms that sustain climate denialism and the conspiracy framing are articulated. The results show that the discourse is anchored in the fiduciary contract that sets science and institutional politics against the truth revealed by the speaker revealed, shifting “knowledge” to “belief” in a process in which the threat isotopy is fundamental, manifested in themes such as loss of sovereignty, restrictions on development, and changes in eating habits. Furthermore, the analysis highlights the instrumentalization of the passions of fear and anger as resources for engagement and adherence in the amplification provided by digital media. It is concluded that climate denialism operates as a discursive and political practice that mobilizes beliefs, organizes actions, and acts to block the fight against the climate crisis in order to perpetuate social and environmental inequalities.

Keywords: Discursive Semiotics. Anti-Environmental Discourse. Climate Denialism. Theory of Conspiracy. Veridiction.

| Introdução

Este trabalho se guia pela observação da propagação digital do negacionismo climático, do estabelecimento de uma “verdade” que contraria o consenso científico e, junto a isso, pelo questionamento sobre quais mecanismos são empregados nessa elaboração que é, sobretudo, discursiva. Como explicam Oreskes e Conway (2010), o negacionismo é uma forma de resistência pautada em estratégias de comunicação que visam semear a dúvida e desestabilizar a credibilidade das instituições científicas com a promoção de sujeitos de saber alternativo e com o apelo a um suposto pensamento crítico que desafia o consenso, no caso deste estudo, acerca das implicações das mudanças climáticas.

As teorias da conspiração são elementos importantes dessa composição discursiva, assim como a mobilização do medo e da raiva como força engajadora (Forner, 2024), também para a falsa revisão da ciência (Barros, 2022). Teorias da conspiração, associadas à Agenda 2030, são baseadas na crença de que existe o globalismo, um plano para um governo global, sendo algumas vezes representado pela ONU, outras sem um referente identificável. Sugere-se, genericamente, o poder de uma elite global que visa ao controle dos recursos naturais e das economias para que os países não se desenvolvam, de modo que o globalismo seria uma forma de reduzir soberanias nacionais e impor o autoritarismo sobre as nações (Amado, 2023; Berh, 2023, Demuru, 2021).

A análise está focada em dois fragmentos do enunciado verbal que representam os sentidos mais explorados no discurso, também na descrição do vídeo e em sua “capa”, uma imagem fixada no *feed* do YouTube, que desaparece após o usuário clicar para começar a assistir. Esse recorte visual fundamenta-se na sua relevância dentro da lógica

da midiatisação digital, pois a capa do vídeo constitui o primeiro contato com o discurso, sendo uma espécie de isca para atrair a atenção em meio à imensidão virtual.

Como explica Molek-Kozakowska (2013), tem-se um cenário digital em que informação não está colocada de forma passiva, que aguarda ser buscada ou consultada, ao contrário, ela disputa constantemente a atenção do público entre inúmeras outras disponíveis. Por essa razão, os meios de comunicação procuram apresentar seus conteúdos como, por exemplo, relevantes, urgentes ou inéditos.

Por meio da abordagem semiótica discursiva, é possível identificar as camadas de significação contidas nessas teorias conspiratórias e nos discursos negacionistas da crise climática. Neste trabalho, serão analisadas a modalização veridictória e a ancoragem realizadas para o “fazer-fazer” dos enunciatários (Barros, 2022), tomando como *corpus* o vídeo postado no canal da deputada estadual Ana Caroline Campagnolo, em 24 de maio de 2023, sob o título “Agenda 2030: isso vai afetar a sua vida”². A deputada, graduada em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó e parlamentar em Santa Catarina desde 2019, mantém um canal no YouTube com mais de meio milhão de inscritos e 407 vídeos publicados.

O objetivo desta análise é revelar tanto as estratégias usadas para levar o público a crer em suas proposições, quanto a ideologia percebida pelos objetos de valor manifestados em seu discurso, além dos sentidos evocados pelo enunciador por meio de sua seleção de temas e figuras (Fiorin, 2002).

A crítica apresentada pela deputada no material que compõe o *corpus* deste estudo, volta-se à adesão do estado de Santa Catarina à Agenda 2030, assunto discutido e votado por ela e demais parlamentares no estado. A Agenda 2030 é um plano global elaborado em 2015 pelos 193 países membros da ONU que propõe 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas ligadas ao bem-estar social, incluindo combate à pobreza, igualdade de gênero e mitigação da crise climática (Brasil, s. d.). Ao problematizar o plano global, Campagnolo questiona a viabilidade de sua aplicação, a veracidade da crise climática e sugere intenções subjacentes aos propósitos declarados.

Antes de prosseguir para a análise, é preciso fazer duas considerações a respeito da Agenda 2030. Ela corresponde a um movimento que não surgiu isoladamente: é resultado de uma longa trajetória de encontros internacionais e pactos multilaterais sobre sustentabilidade, como a Conferência de Estocolmo (1972), o relatório Nosso Futuro Comum (1987), a Rio-92, o Protocolo de Kyoto (1997), a Cúpula do Milênio (2000), a Rio+20 (2012) e o Acordo de Paris (2015), todos voltados à promoção do equilíbrio entre o social, o econômico e o ambiental (Scarano *et al.*, 2021). O segundo ponto é que, apesar desse histórico de negociações e compromissos, pouco foi concretizado, o que indica um baixo poder decisório das organizações internacionais.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvA4JAhXbVk&t=4s>. Acesso em: 13 maio 2025.

Especificamente, quanto às 90 metas que dizem respeito ao meio ambiente, 32 estão em retrocesso, outras 40 encontram-se estagnadas, 16 metas não têm dados e apenas 2 possuem progresso satisfatório. No que diz respeito à educação, ODS 4, e em particular à incorporação da agenda da sustentabilidade ao ensino, o panorama é também preocupante (Scarano *et al.*, 2021, p. 15).

| A abordagem do discurso ambiental pelo viés conspiracionista

As mudanças climáticas e as propostas para contê-las são alvos de teorias da conspiração por meio das quais são apresentadas como pretextos para favorecer interesses políticos e econômicos de uma elite global que prejudicariam as nações em desenvolvimento (Amado, 2023; Berh, 2023).

No texto de descrição do vídeo que compõe o *corpus* deste trabalho, há o emprego do termo “globalismo” para indicar a ação de uma elite global que resulta na opressão de países subdesenvolvidos, sujeitando-os ao cumprimento das propostas da Agenda 2030: “[...] se você analisar só um pouquinho além da superficialidade do discurso propagandístico, irá perceber o quão sombrias e impositivas podem ser as intenções dos grupos globalistas que determinam essa agenda” (Campagnolo, 2023).

Amado (2023) explica que os conceitos de “globalismo” variam, mas todos passam por um plano de um governo global que provocaria a destruição das culturas nacionais para formar uma sociedade controlada e sem fronteiras nacionais. Para Demuru (2021, p. 12), [...] globalismo remete à mais antiga teoria da conspiração da Nova Ordem Mundial, que também prevê a ascensão de um novo governo elitista global relacionado, em alguns casos, ao fim do cristianismo”. Trata-se de uma teoria que se difundiu por diversas mídias:

Tal termo é repetido em documentários e entrevistas do canal no YouTube da produtora Brasil Paralelo, entre influenciadores digitais de grande popularidade, jornalistas com poder de influência como Rodrigo Constantino, na cúpula da República durante o governo Bolsonaro e em meios de comunicação, como a Jovem Pan (Amado, 2023, p. 8).

No contexto da teoria da conspiração, surgem políticos que se dizem dispostos a livrar a população e as nações dessa suposta dominação das elites globais (Amado, 2023; Berh, 2023; Demuru, 2021). “Diante desse cenário os líderes populistas emergem frequentemente como espécies de salvadores da pátria, mostrando desejo, força e potencialidade para combater as elites” (Demuru, 2021, p. 6).

Líderes populistas, de acordo Gomes (1996), desenvolvem uma política de massas. Essas massas são originárias do proletariado inconsciente das relações de espoliação sob as quais vivem. Sendo assim, são trabalhadores que “não adquiriram consciência e sentimento de classe: não estão organizados e participando da política como classe”

(Gomes, 1996, p. 34). Berh (2023) também estabelece a relação entre “a conspiração ambiental-climáticas” e a visão de mundo populista, na qual existe uma luta moral “do povo de bem” contra uma “elite corrupta”, em que o líder populista é o representante legítimo dos valores do bem.

Portanto, essa lógica conspiratória se configura sobre a concepção de um nacionalismo pautado na rejeição do “domínio global” e no fomento do medo diante dessa ameaça. Na cena populista, há a “criação de novas divisões sociais que extrapolam a tradicional direita/esquerda, a partir do medo da globalização e do fracasso dos partidos tradicionais em resolver problemas urgentes” (Woad, 2020, *apud* Romancini; Gennari, 2023).

A maioria das teorias da conspiração sobre as mudanças climáticas está relacionada à hipótese de uma tentativa de controle massivo advinda das Nações Unidas, da esquerda ou dos comunistas (Berh, 2023). Nesse sentido, a descrição do vídeo analisado explicita essa associação na menção ao Partido dos Trabalhadores (PT), que é rotulado pelos setores da extrema direita como “comunista”: “Mesmo com minha argumentação contrária, um projeto petista que busca vincular Santa Catarina a essas diretrizes avançou na última reunião da Comissão de Constituição e Justiça” (Campagnolo, 2023). Assim, a adesão à Agenda 2030 é colocada como parte de um suposto plano de dominação global, conduzido pelo “comunismo” e representado pelo PT no Brasil.

A construção conspiratória encontra ressonância no que Latour (2020) descreve como a guinada do conceito de globalização. Antes celebrado como motor de ascensão das nações, o termo passou a ser ressignificado como motivo de revolta, diante de um suposto processo de “tomada de consciência” que teria revelado aos cidadãos os excessos das elites, estas que no discurso conspiracionista não é bem identificada. É nesse ponto que se pode compreender a transformação da ideia de globalização pelas teorias da conspiração: no lugar do conhecimento que poderia surgir da experiência compartilhada e da consciência dos problemas reais da sociedade, foi introduzido um discurso de ameaça difusa e abstrata, cuja origem é frequentemente não identificável, mas que consegue canalizar, na construção discursiva, o medo, a raiva e a nostalgia e que acabam por se transformarem em forças mobilizadoras.

| A veridicção no discurso contra a Agenda 2030

Nos estudos semióticos, a verdade e a falsidade são compreendidas como efeitos de sentido do discurso. Greimas (2014) propõe que o conceito de verdade poderia ser substituído pelo de eficácia, para expressar a ideia de procedimento discursivo para obtenção de resultados, assim, para Greimas, a verdade é um “fazer-parecer-verdadeiro” (2014, p. 122). O interesse da teoria semiótica recai justamente sobre esse procedimento, com potência para criar ilusões de realidade e construir efeitos de verdade e de falsidade do discurso, para explicar o que é dito e de que forma. À luz da semiótica examina-se, portanto, “os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto” (Barros, 2005, p. 8).

A principal relação entre destinador, aquele que enuncia, e destinatário, para quem se enuncia, é a da manipulação, na qual o destinador emprega valores, eufóricos ou disfóricos, em seu discurso para levar o destinatário, com sua colaboração interpretativa, a crer e a fazer (Barros, 2005). Gomes (2019) acrescenta que, no contrato fiduciário firmado entre os participantes da enunciação, cria-se uma base de valores comuns que fundamenta a comunicação, sendo esses valores um ponto de referência para que se reconheçam, se admitam e se aceitem, ou mesmo se incorporem, novos valores.

Na persuasão, distinguem-se o “fazer pragmático”, que conduz à ação, e o “fazer cognitivo”, que se refere ao fazer-saber, como no caso de um discurso científico (Barros, 2002). O que se estabelece nesse processo é um contrato fiduciário, proposto para que o destinatário aceite a manipulação do destinador e tome o discurso como verdadeiro ou falso. No caso do contrato de veridicção, o objeto desse fazer persuasivo é a veridicção, o dizer-verdadeiro do enunciador, ao qual se vincula o crer-verdadeiro do destinatário (Greimas; Courtés, 1979).

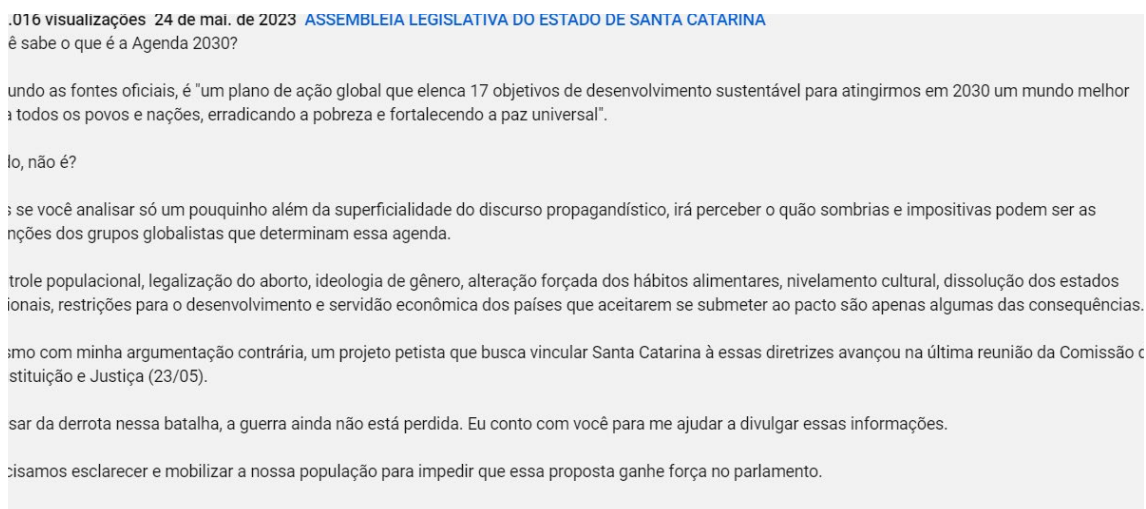
Barros (2022) aponta que a aceitação do dizer-verdadeiro tem relação com os contratos de veridicção já aceitos anteriormente pelo destinatário, que são próprios de uma cultura e de uma formação ideológica. É dessa forma que “a verdade ou a falsidade do discurso dependem do tipo de discurso, da cultura e da sociedade” (p. 106). Nesse sentido, observa-se que o discurso de Ana Campagnolo se ancora em um contrato veridictório construído sobre a desconfiança prévia em relação a partidos progressistas, ao comunismo e a instituições internacionais, como a ONU e a OMS. Assim, quando o enunciador expõe que a Agenda 2030 é uma ameaça de “controle populacional”, “servidão econômica” ou “dissolução dos Estados nacionais”, não se parte do zero: há o apoio do universo do enunciatário. Isto é, o discurso também é composto pela representação do cidadão comum, patriota, trabalhador, ameaçado por elites globais, e, nesse aspecto, o enunciatário é coautor na enunciação. Como explica Fiorin (2008, p. 153):

Ao colocar o enunciatário como uma das instâncias do sujeito da enunciação, Greimas quer ressaltar seu papel de co-enunciador. Com efeito, a imagem do enunciatário constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto.

Um outro ponto a ser considerado em relação à veridicção é quanto à oposição entre crer e saber, uma vez que o saber sucumbe ao crer (Greimas, 2014). De acordo com Barros (2020), é por meio das interpretações baseadas em crenças e emoções do destinatário que os discursos mentirosos são aceitos como verdadeiros, mesmo quando absurdos. Nisso consiste o viés de confirmação, “tendência de as pessoas acreditarem nas informações que apoiam suas visões e valores, e desconsiderarem as que dizem o contrário” (Barros, 2020, p. 28).

O percurso veridictório estabelecido no discurso antiambiental da deputada Ana Caroline Campagnolo será demonstrado a partir da descrição do vídeo postado em seu canal na plataforma YouTube em 24 maio de 2023, conforme Figura 1.

Figura 1 – Descrição do vídeo



Fonte: Canal “Ana Campagnolo” no YouTube (2023)

No texto apresentado na Figura 1, o enunciador mobiliza estratégias discursivas que constroem o percurso veridictório por meio da inversão da credibilidade atribuída à ONU, de modo que sua proposta apenas “pareça” verdadeira. Seu enunciado inicial reproduz a definição oficial da Agenda 2030: “um plano de ação global que elenca 17 objetivos de desenvolvimento sustentável para atingirmos em 2030 um mundo melhor para todos os povos e nações, erradicando a pobreza e fortalecendo a paz universal”. A apresentação institucional é relatada como bela e verdadeira em aparência – “Lindo, não é?” –, e imediatamente posta como algo que parece, mas não é.

Em seguida, o segredo é anunciado, o enunciador sugere: “se você analisar só um pouquinho além da superficialidade”, será possível encontrar as verdadeiras intenções ocultas, descritas como sombrias. Logo, a construção é de desmascaramento, descobre-se algo secreto no que parecia verdadeiro. Ao posicionar-se como revelador das verdades ocultas da Agenda 2030, o enunciador estabelece um contrato de veridicção baseado naquilo que Barros (2022) denomina falsa revisão da ciência.

No plano narrativo, essa relação veridictória se concretiza sob a forma de um fazer persuasivo, em que o enunciador assume a função de destinador, encarregado de levar o enunciatário, agora o destinatário, a aderir à verdade que propõe. Nesse movimento, atua o “fazer persuasivo do destinador”, uma ação discursiva que visa convencer o destinatário, a partir de crenças, afetos e desconfianças partilhadas (Barros, 2022). O objetivo é conduzir o enunciatário a crer que há uma verdade oculta, deliberadamente

escondida pela ciência oficial, e promover a transição daquilo que era tomado como verdadeiro para o secreto e depois para a falsidade. Uma trajetória que se encaixa no seguinte percurso veridictório:

[...] seguem o percurso verdade → segredo → falsidade, ou seja, nega-se o que, até então, era interpretado como parecendo e sendo verdadeiro, instala-se o segredo, que não parece, mas continua a ser considerado verdadeiro, e, uma vez mais, a aparência seleciona a essência e, por implicação, estabelece-se a falsidade da História, que afirma como verdade ser a ditadura militar brasileira antidemocrática ou o nazismo e o fascismo, de direita (Barros, 2022, p. 34).

Apesar de essa citação exemplificar a falsa revisão da História, a autora orienta que esse é o mesmo percurso percorrido na falsa revisão da ciência. Nessa elaboração, o contrato fiduciário, isto é, o vínculo de confiança entre enunciador e enunciatário, sustenta o contrato de veridicção, de modo que o enunciado se torna verdadeiro mesmo quando contradiz as evidências científicas.

A mobilização do medo e da raiva reforça essa adesão fiduciária ao substituir a prova racional pela identificação passional, ponto em que o discurso negacionista consolida sua eficácia. Nesse sentido, “controle populacional”, “servidão econômica”, “dissolução dos Estados nacionais”, apresentam-se como revelações que sustentam um fazer-persuasivo a fim de operar a crença por meio de uma estratégia que conduz o destinatário à posição de agente da luta. O enunciador, ao construir cenários de ameaça e injustiça, opera com a vulnerabilidade (medo) e, em seguida, com a reação (raiva). De acordo com Greimas e Fontanille (1993), as paixões são modos de ser do sujeito, resultantes das transformações que atingem sua relação com os valores. Quando o sujeito percebe um valor como ameaçado, perdido ou inacessível, instala-se um estado passional que expressa, no plano do discurso, o desequilíbrio entre o querer e o poder.

Nos enunciados: “Precisamos esclarecer e mobilizar a nossa população” e “a guerra ainda não está perdida. Eu conto com você para me ajudar a divulgar essas informações” (Campagnolo, 2023), o discurso realiza uma interpelação direta ao enunciatário no qual o enunciador assume, narrativamente, a função de destinador-manipulador que convoca o destinatário à ação. Ao mesmo tempo que, no plano discursivo, essa manipulação se concretiza como estratégia de engajamento, marcada pela proximidade enunciativa e pela partilha de valores e responsabilidades, que reforçam o vínculo fiduciário e o sentimento de pertencimento.

O enunciador, nessa posição de conhecedor da verdade e transmissor dela, ao revelar ser mentira aquilo que é amplamente afirmado como um risco para a vida no planeta, assume, narrativamente, a função de destinador-manipulador, e faz o enunciatário perceber-se enganado pela ONU e pela OMS, instituições que deveriam oferecer proteção. Dessa forma, o discurso promove a ruptura do contrato fiduciário anteriormente firmado, instaura a desconfiança e abre espaço para a emergência da

paixão da raiva. No plano discursivo, essa paixão se figurativiza como reação à perda dos valores essenciais: os hábitos alimentares, a liberdade quanto ao planejamento familiar, a autonomia econômica e a soberania nacional. Logo, a manipulação da raiva torna-se mais um dos recursos do discurso, aliás, com bastante sucesso no ambiente digital, visto que a raiva e o medo servem de sustentação para as *fake news* e as teorias da conspiração (Da Empoli, 2019, p. 21).

| A figurativização do mal

Essa manipulação veridictória se manifesta de forma concreta no exame dos temas e das figuras presentes no discurso. Ao desenvolver um percurso temático encadeando vários temas que, em conjunto, constituem uma coerência, ao mesmo tempo em que se constrói o percurso figurativo que se apoia, também de modo coerente, na base temática, resulta-se no que se chama na semiótica de “isotopia”. Greimas e Courtés (1979, p. 275) definem isotopia como “[...] a recorrência de categorias sêmicas, quer sejam temáticas (abstratas) ou figurativas (concretas)”.

A tematização e a figurativização configuram duas etapas da realização do sentido no texto. São elementos centrais da semântica discursiva: enquanto os temas correspondem aos conteúdos tratados em um nível mais abstrato, as figuras representam a concretização sensível desses temas (Fiorin, 2002). Ambos são moldados por contextos sócio-históricos e refletem as visões de mundo compartilhadas por diferentes classes, grupos ou estratos sociais, o que confere aos discursos uma dimensão ideológica (Barros, 2009). Greimas e Courtés (1979) elucidam que a repetição dos temas e das figuras confere coerência ao discurso, pois é por meio dessa repetição que se mantém uma continuidade semântica e uma progressão lógica, processo que denominam isotopia.

À luz da teoria semiótica, o discurso em torno da Agenda 2030, transmitido no primeiro momento no parlamento de Santa Catarina, depois divulgado no YouTube, expõe a tematização e a figurativização, sustentadas por uma isotopia de ameaça e desconfiança. Para melhor compreensão da análise, segue um trecho da transcrição do vídeo:

[...] mas o mais importante realmente é agenda verde, a pauta do meio ambiente. Olha só que interessante, no relatório a primeira revolução global, publicado por especialistas do Clube de Roma, um dos ambientalistas explica por que esse assunto da ecologia do meio ambiente, a pauta ambientalista, tem sido tão usada pelos progressistas contra a população geral, contra o crescimento das Nações, contra o cidadão, olha só o que diz esse trecho: ‘Em busca de um novo inimigo para nos unir, viemos com a ideia de que a poluição, a ameaça do aquecimento, escassez de água, fome e coisas do gênero dariam conta do recado, em sua totalidade e em suas interações esses fenômenos constituem uma ameaça comum que exige solidariedade de todos os povos, mas designando-os como inimigos caímos na armadilha sobre a qual já alertamos, ou seja, confundir

sintoma com causa. Todos esses perigos são causados pela intervenção humana e é somente através de atitudes e comportamento alterados que podem ser superados, o verdadeiro inimigo é, então, a própria humanidade.' [...] só que aqui as consequências são mais do que o bom interesse de preservar o meio ambiente, são políticas públicas que vêm verticalmente da ONU, da OMS para dentro do nosso país. Nós podemos citar o que aconteceu também na Holanda, é um exemplo muito clássico, muito parecido com o que aconteceu aqui em Santa Catarina. Olha só essa matéria, tá na imprensa, os senhores podem encontrar depois Holanda quer comprar e fechar fazendas para cumprir meta ambiental: vilanização da produção de alimentos e aí o que aconteceu, a Holanda realmente queria fechar fazendas, diminuir a produção, Fazendeiros holandeses protestaram contra agenda 2030 se os senhores procurarem na internet, os senhores vão ver, trator, caminhão, os fazendeiros na rua pedindo ao governo holandês pelo amor de deus não execute as metas da agenda 2030. O que aconteceu lá? Diante da meta do governo holandês signatário da Agenda 2030, para reduzir as emissões de óxidos de nitrogênio e amônia em 50% até 2030, agenda 2030, até 2030 seria necessário reduzir 30% o número de animais da pecuária. Então os senhores conseguem imaginar se essa diretriz chega aqui? Nós temos que falar para o nosso pecuarista que ele vai ter que reduzir sua produção [...] aderir a essa Agenda 2030, eu acredito que ela traz impactos econômicos para Santa Catarina que nenhum de nós quer, principalmente relacionados ao agronegócio, pecuária [...] (Ana Campagnolo, 2023).

A Agenda 2030, como já observado, é apresentada como um projeto de dominação que busca submeter populações, não como um pacto global em prol da sustentabilidade. Em torno dela se desdobram vários temas: perda de soberania nacional, progresso, desenvolvimento, especialmente no setor agropecuário, e hábitos alimentares.

Esses temas ganham concretude pela figurativização, que transforma as abstrações em imagens. Nesse sentido, a cena de fazendeiros que protestam nas ruas com tratores e caminhões contra as medidas de redução da produção pecuária constitui a figurativização da resistência ao desenvolvimento no setor agropecuário.

A isotopia que atravessa o conjunto discursivo é, portanto, a da ameaça e da imposição, construída pela repetição de categorias semânticas que opõem "povo" e "nação" a "elites globais" e organismos internacionais: ONU e o Clube de Roma, colocados como controladores. O efeito de sentido produzido é o da desconfiança e da resistência, articulado à interpretação conspiratória, no qual a política ambiental é instrumento de dominação e a defesa do agronegócio, da soberania nacional e de valores conservadores surge como resposta legítima diante dos riscos.

Há também um plano visual que recobre todos esses sentidos, dado pela capa do vídeo, por isso ela também será analisada.

Figura 2 – Capa do vídeo



Fonte: Canal "Ana Campagnolo" no YouTube (2023)

Na imagem, os elementos verbais e não verbais se constroem em consonância com os valores expostos no vídeo. A Agenda 2030 é associada a figuras que evocam ameaça e desconfiança: Greta Thunberg em uma demonstração de fúria, vinculando-a a um comportamento marcado por excessiva emotividade, em contraste à imagem da deputada com uma expressão de seriedade e firmeza; um texto verbal indicando o consumo de insetos e uma pessoa ingerindo um grilo compõem o cenário da mudança do padrão alimentar, da falta de alimentos, da "diminuição do consumo de carne"; o ET talvez como metáfora de algo "estranho" ou "não humano", e o livro *The First Global Revolution* – escrito por Alexander King e Bertrand Schneider, cujo conteúdo é relacionado aos problemas globais. No discurso verbal, a menção à obra é realizada para afirmar que nela seus autores explicam as razões pelas quais a pauta ambientalista é usada como pretexto dos progressistas para atuarem contra a população.

Ademais, é importante observar que a figura livro, no contexto da capa e do fragmento analisado, é investida de valores disfóricos, associado a ideias de doutrinação e manipulação do saber, figurativizando os temas "doutrinação progressista" e "vilanização da população".

Ao trazer a notícia cujo título é *Holanda quer comprar e fechar fazendas para cumprir meta ambiental*, a vilanização da produção de alimentos adentra-se à isotopia do padrão alimentar, sustentando que a imposição da Agenda 2030 seria responsável pela escassez alimentar. No entanto, quando esse discurso é transposto ao cenário brasileiro, observa-se que ele desconsidera os dados concretos da produção pecuária no país, que envolve tanto o extensivo cultivo de grãos destinados à alimentação animal quanto os expressivos números da criação bovina voltada à exportação (Embrapa, s.d.). Ignora-se, igualmente, que parte da população não tem acesso à boa alimentação no Brasil, independentemente da implementação das políticas da Agenda 2030. De acordo com

a Agência de Notícias IBGE (2023), 3,2 milhões de famílias – ou 8,7 milhões de pessoas – encontram-se em situação de insegurança alimentar severa.

Ficam delineados lados opostos e os valores que compõem essa disputa anunciada: “Apesar da derrota nessa batalha, a guerra ainda não está perdida.” De um lado, o sujeito da enunciação – enunciador e enunciatário – que se posiciona contra o aborto, a chamada ideologia de gênero, o nivelamento cultural, a mudança forçada de hábitos alimentares, a servidão econômica dos países, a restrição ao desenvolvimento e a dissolução dos Estados nacionais; de outro, aqueles que seriam favoráveis a tudo isso, referencialmente agrupados na “Agenda Verde” defendida pelo “projeto petista”. Nessa lógica, nos moldes das teorias da conspiração, instaura-se um discurso de enfrentamento absoluto, que recruta a oposição entre o bem e o mal como chave interpretativa da realidade.

| Considerações finais

O conceito de *globalismo* evidencia o funcionamento da construção de sentido no discurso negacionista, ao transformar elementos com base histórica, concreta, em narrativas abstratas e ficcionais. De fato, os processos de colonização europeia impuseram a diferentes regiões do mundo, e a seus ecossistemas, uma lógica de dominação e “servidão econômica”. Entretanto, as teorias conspiratórias operam um deslocamento: partem de ações identificáveis, como a colonização, mas as generalizam em uma ameaça difusa, que funciona como instrumento de alienação dos processos históricos e da organização concreta da sociedade.

Configura-se, por meio do discurso, uma disputa pelo poder simbólico, político e econômico. No caso do negacionismo climático, os efeitos materiais dessa disputa se manifestam no bloqueio ou no atraso de políticas ambientais, a fim de reforçar a lógica de acumulação do capital, em benefício da elite econômica às custas da devastação do planeta.

O mecanismo decisivo para a eficácia desse discurso é a manipulação das paixões. Uma dimensão que é reforçada, no plano da manifestação midiática, pelos elementos visuais da capa do vídeo em busca de atenção. Tem-se, assim, uma demonstração de como a construção discursiva negacionista se adapta às lógicas de circulação digital.

A isotopia de ameaça e desconfiança dá coerência ao discurso, por meio da repetição de temas como controle populacional, dissolução dos Estados nacionais e servidão econômica, figurativizados em cenas de fechamento de fazendas, protestos com tratores e consumo de insetos. Essa coerência semântica confere ao discurso o efeito de verdade, pois naturaliza as ameaças como iminentes e tangíveis.

Nessa construção, o Estado é sistematicamente desautorizado: qualquer intervenção regulatória é representada como nefasta e contrária ao interesse da população e ao progresso econômico, mesmo diante de catástrofes ambientais evidentes. A lógica

é semelhante à difundida durante a pandemia de covid-19, quando a economia foi priorizada em detrimento da vida, sobretudo das vidas mais pobres e vulneráveis. Assim, negar a crise climática alinha-se diretamente ao interesse em manter o funcionamento da produção sem restrições e em impedir qualquer tipo de governamentalização ambiental.

No nível do contrato de veridicção, observou-se a mobilização da experiência de dificuldades e exploração vivida pelo enunciatário. Esse recurso permite a elaboração da “verdade” segundo a qual a ciência e os progressistas enganariam a população, enquanto o enunciador se apresenta como portador dos valores do “bem” e da verdade confiável. Desse modo, tanto o contrato fiduciário quanto o de veridicção apoiam-se na instrumentalização afetiva e ideológica do enunciatário.

O discurso contra a Agenda 2030 também evidencia contradições nesse mesmo percurso de sentido. Ao mesmo tempo em que evoca a ameaça da fome e alteração dos hábitos alimentares como consequência da redução da produção de alimentos, ignora que o modelo produtivo vigente, de base neoliberal e distante de qualquer ideal ecológico, não garante o acesso universal à alimentação. Assim, a recusa de regulações ambientais, defendida como condição para o progresso e liberdade, traduz-se na captura do Estado para resguardar um progresso restrito e guiado pelo lucro, não pelo estado de bem-estar social. Contradição ocultada no discurso negacionista.

Nesse sentido, esse discurso não deve ser visto apenas como narrativa paralela, “mal-entendido” da ciência ou ignorância, mas sim como uma prática discursiva e política que disputa sentidos muito bem estruturados. Sua eficácia reside na articulação entre a manipulação veridictória, a isotopia de ameaça e a captura da realidade, de modo a fantasiá-la e sustentar o bloqueio de alternativas de enfrentamento à crise climática e reforçar a reprodução das desigualdades sociais e ambientais.

| Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIA IBGE. *Segurança alimentar nos domicílios brasileiros volta a crescer em 2023*. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39838-seguranca-alimentar-nos-domicilios-brasileiros-volta-a-crescer-em-2023>. Acesso em: 25 maio 2024.

AMADO, R. Gramscismo e globalismo: as teorias da conspiração capilarizadas por Olavo de Carvalho e suas inconsistências. *Brasil/Brazil*, v. 36, n. 72, p. 62-82, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/137652>. Acesso em: 29 maio 2024.

BARROS, D. L. P. de. Contrato de veridicção: operações e percursos. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 23-45, 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198279>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/198279/185595>. Acesso em: 11 maio 2024.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

BARROS, D. L. P. de. As *fake news* e as anomalias. *Verbum – Cadernos de Pós-Graduação*, v. 9, p. 26-41, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/download/50523/pdf/0>. Acesso em: 28 maio 2024.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BEHR, K. R. V. “Conheceis a verdade, e a verdade vos libertará”: teoria da conspiração ambiental-climática e populismo no início do governo Bolsonaro (2018-2020). *Nuevo Mundo*. 2023. <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.93994>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/93994>. Acesso em: 28 maio 2024.

BRASIL. *Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil*. [s.d]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 18 maio 2024.

CAMPAGNOLO, A. *Agenda 2030: isso vai afetar a sua vida* [vídeo]. YouTube, 24 maio 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvA4JAhXbVk>. Acesso em: 13 maio 2025.

DA EMPOLI, G. *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. Vestígio Editora, 2019.

DEMURU, P. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 264-291, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.180942. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/180942>. Acesso em: 15 maio 2024.

EMBRAPA. *Crescimento das exportações brasileiras e atendimento a novos mercados*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/intensificacao-tecnologica-e-concentracao-da-producao/sinal-e-tendencia/crescimento-das-exportacoes-brasileiras-e-atendimento-a-novos-mercados>. Acesso em: 25 maio 2024.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FORNER, O. M. C. *A masculinidade no discurso político de extrema-direita: uma análise do slogan “Deus, pátria e família” utilizado por Jair Bolsonaro na campanha para a presidência de 2022*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/5bae8751-aaae-4ec9-870e-92ed06acad49/content>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOMES, A. C. O populismo e as ciências sociais no Brasil. *Tempo*, v. I, n. 2, p. 31-58, 1996. Disponível em: <https://www2.historia.uff.br/tempo/v-1-n-2/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

GOMES, R. S. Estudos semióticos: a construção da veridicção nos textos. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2, p. 1-10, dez. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8615575.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução Dilson F. da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014.

GREIMAS. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

LATOUR, B. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MOLEK-KOZAKOWSKA, K. Rumo a uma estrutura pragma-linguística para o estudo do sensacionalismo em manchetes jornalísticas. *Discourse & Communication*, v. 7, n. 2, p. 173-197, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1750481312471668>

ORESQUES, N.; CONWAY, E. M. *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming*. New York: Bloomsbury Press, 2010.

ROMANCINI, R.; GENNARI, A. J. O populismo de direita e a comunicação. *Revista Eco-Pós*, [S. l.], v. 26, n. 01, p. 31-55, 2023. DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28016. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28016. Acesso em: 29 maio 2024.

SCARANO, F. R. *et al.* Para além dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável: desafios para o Brasil. *Bio Diverso*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/biodiverso/article/view/120366>. Acesso em: 27 maio. 2024.

Como citar este trabalho:

SANTOS, Michelle de Carvalho. A abordagem negacionista da Agenda 2030: do parlamento para o *feed*. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 117-131, dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v18i2.20526>.